



DIRECTOR  
AUGUSTO

SUPLEMENTO INFANTIL DO JORNAL

**O SEculo**

DE SANTA  
RITA

# JUSTA RECOMPENSA

Por ANTONIO HENRIQUES RIBEIRO da CUNHA

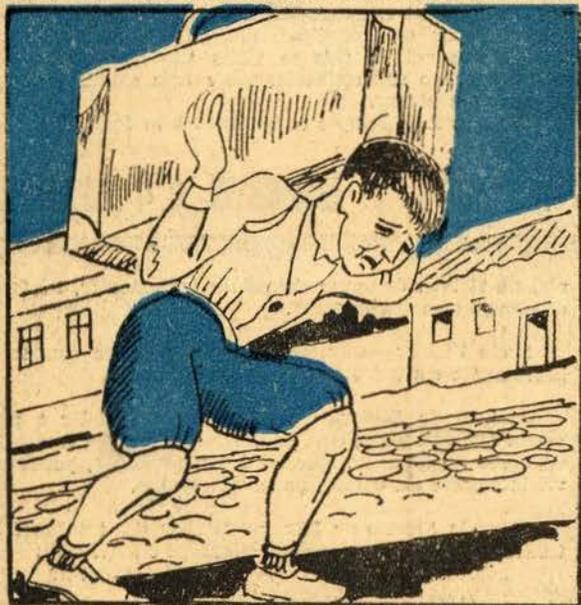
Desenhos de ADOLFO CASTAÑE

**D**ESDE que sua mãe adoecera, nunca mais, Joãozinho, que tinha apenas 10 anos, pôde voltar para a escola por ter de angariar o sustento da doente e da sua irmãzita, Fernandinha, uma débil menina de 8 anos, que em casa estava a tratar da mãe.

Ele bem gostava de aprender! Era tão lindo pegar num jornal ou num livro qualquer e começar logo a lêr tudo o que êle dizia — pensava Joãozinho —! Razão tinha o professor quando dizia que quem não sabe lêr não sabe coisa alguma; mas que fazer, se a necessidade lhe impunha a obrigação de deixar a escola para ganhar dinheiro para sustentar a casa, já que a sua mãe estava doente?

Metia dô vê-lo á chegada dos combóios, carregar com pesadas malas para o centro da cidade, ou, quando estas eram maiores, a puxá-las num carrinho de mão. Mas êle tudo fazia com o fervor religioso de ganhar dinheiro para comprar remédios para sarar sua mãe, para sustento dos três e, ainda, para pagar o aluguer da casita que habitavam.

Ao chegar a noite ninguém o via mais pelas esquinas, junto com os outros carregões; ia para casa depositar nas mãos da mãe, que o beijava com reconhecimento, o



dinheiro ganho durante o dia. Depois ajudava Fernandinha a fazer a ceia e a tratar do amanhã da casa, e, após tudo pronto, sentava-se na cama a estudar. Não passava um dia em que êle não estudasse pelo menos meia hora, já que não podia ir para a escola, estudava em casa, desprezando as fadigas do intenso trabalho que, por vezes, tinha, durante o dia.

Sempre que Joãozinho chegava a casa, a mãe chorava de alegria. Parecia-lhe impossível uma criancinha ter tal amor pela vida, pois desde que adoecera, nunca lhe faltou dinheiro para coisa alguma, graças a Joãozinho.

Uma vez que Joãozinho vinha da estação, como de costume, com uns pesados fardos, viu na rua um homem maltrapilho, caído no chão. Umis criaturas que passavam, vendo-o assim estendido, andaram sempre, julgando-o bêbado, mas Joãozinho assim o não entendeu. Poisou no chão os fardos que trazia e foi levantar o pobre homem que estava desfalecido. Deu-lhe uma fricção, conseguindo que êle se reanimasse, e, depois, ajudou-o a ir para casa, um humilde tugúrio, que era numa rua próxima.



Chegados ali, estiveram os dois um pedaço a falar, mostrando-se o homem imensamente reconhecido e não deixou Joãozinho sair sem que este lhe dissesse o seu nome completo e a sua filiação.

Passaram-se anos. Joãozinho conservava-se na mesma vida porque sua mãe continuava doente.

Agora, Joãozinho, que nunca deixara de estudar, já dava lições á irmã, já conhecia os nossos clássicos, já discutia sobre literatura e sobre ortografia, e como o dinheiro lhe não escasseava, devido ao seu proficuo trabalho, todos os dias comprava «O Século» para o lér á sua mãe.

Um dia, mal abriu o jornal, deparou com uma notícia, cujo titulo, a letras do tamanho de feijões, dizia:

*Um avarento generoso, que deixa toda a sua fortuna calculada em vinte mil contos, a um rapazito que há anos o socorrera num ataque de que foi vítima, na via publica.*

Joãozinho devorou com sofreguidão toda aquela longa notícia. Não estava elle sonhando? De facto aquêlle maltrapilho que elle levantára na via publica poderia ser um milionario? Parecia-lhe tudo aquillo um sonho, mas não havia dúvida: a fotografia era do próprio que elle socorrera.

Fora de si, de contente, correu á redacção a certificar-se melhor da verdade e como tudo se confirmava, louco de alegria, foi para casa levar a boa nova a sua mãe e a sua irmãinha. Que alegria elas iam sentir!

Dentro em poucos dias toda essa enorme fortuna estava nas suas mãos.

Agora, num elegante palácio que comprára, Joãozinho só tinha um desgosto: era ver sua mãe doente no leito.

Um dia, vendo-o triste, perguntou-lhe esta:

— Porque te julgas infeliz, Joãozinho? Parece que o dinheiro te tirou a alegria. Quando tinhas de trabalhar todo o dia para assegurares a nossa substancia, nunca te vi assim.

— Para a minha felicidade ser completa — atalhou Joãozinho, chorando, com a sua cabecita loira deitada no colo da mãe — para que a minha felicidade fôsse completa havia de a poder arrancar dêsse leito para fora.

— E porque não, Joãozinho? Tu tudo mereces. Pede a Nossa Senhora que te faça mais este favor, que estou certa de que Ela to não negará.

Ao outro dia, leu no jornal que chegára a Lisboa um especialista muito afamado. Correu a chamá-lo, e ao fim de três dias, a velhinha entrava em franca convalescença.

Agora era um gosto ver os três, a saltar, como três criancinhas, risonhos e contentes, pelo jardim do palácio.

E aqui está como Deus premiou Joãozinho por ser bom filho, por ser caritativo e por ser estudioso.

Por ser bom filho, restituindo-lhe a saúde á mãe; por ser caritativo, dando-lhe a imensa fortuna do avarento; e por ser estudioso, dando-lhe a faculdade de poder lér a notícia, pois se assim não fôsse, podia ella não chegar ao seu conhecimento e toda aquella herança ir por água abaixo.

Deus, proteje sempre os espiritos bem formados.

F I M

## CORRESPONDENCIA

**Fernando Zuzarte Costa:** — Recebemos o teu original que não podemos publicar por não ser da índole do nosso suplemento. Revelas vocação mas para outro género literário.

**Luizinha Romeiro:** — Os teus desenhos serão publicados a seu tempo, pois temos outros com direito á primeira

via, em virtude de terem chégado anteriormente, e á falta de espaço com que lutamos.

**Berto Vieira:** — Sim. Serão abertos novos concursos brevemente e a todos elles poderás concorrer.

**José Crato Diniz:** — Não podemos responder á pergunta que nos fazes, pois nada tem que ver com a secção do nosso suplemento. Quanto á tua produção, podes enviá-la e sobre ella daremos a nossa opinião.

**Manoela Franco de Lima:** — Desiste dos trabalhos literários e cultiva o género de charadas e adivinhas.

T.O PÁULO



Desenhos A. CASTAÑE

**O** Juca Serapião  
Tem prosápias de bravura...  
E garbo de capitão  
Em dias de formatura.

Ao dinheiro que amealha  
Dá-lhe sempre aplicação,  
Para armas e metralha  
De um grande batalhão!

Tem perto de mil soldados.  
De patente variada!  
Uns com armas, perfilados,  
Outros nas suas montadas.

Tem canhões, metralhadoras,  
Tudo em grande profusão!  
E faz batalhas sonoras  
Com bombas de S. João!

Um dia, a mãe, foi á baixa  
Ás compras do fim do mês.  
Pôs tudo fóra da caixa  
Pela miléssima vez!

E vai chamar os vizinhos,  
Agrupando em batalhão,  
Meninos e rapasinhos  
Que eram mais dum quartirão!...

Faz de jornais capacetes,  
Põe divisas a granel...  
Em todos os diabretes,  
De major a furriel.



Alinha o seu batalhão,  
Nomeia-se general!  
E faz uma alocução  
Em grande cerimonial!...

Apontando pró loiceiro  
Diz com aprumo e firmeza:  
— Oh exército guerreiro  
Eis a vossa fortaleza!

Vamos todos batalhar,  
Soldados, armas ao alto!  
Há que vencer e lutar  
Para a tomarmos d'assalto,

Metade dos meus soldados  
Vão defender o reducto,  
E por nós são atacados  
Após o meu plano astuto!

Ficam junto do loiceiro  
Os quatro da fortaleza,  
Que belo garbo guerreiro  
Déssa tropa portuguesa!

O exército atacante  
Em bravura o outro iguala.  
Põe-se um pouco mais distante,  
No outro extremo da sala.

Diz o Juca General  
Ordenando com firmeza:  
— Soldados de Portugal  
Atacai a fortaleza!...

Começa a batalha, enfim...  
Cobardes não há nenhum!  
As armas fazem-Pim! Pim!  
Os canhões fazem-Pum! Pum!

Cheira a pólvora queimada,  
Há já mortos e feridos,  
Alguma loiça quebrada  
E muitos vidros partidos!...

E o Juca no seu cavalo  
Ante a vitória implacável,  
Lembrava, posso jurá-lo,  
O nosso bom condestável!

Mas no ardor destas contendas,  
Sem dar conta, a petizada,  
Entra a mãe com encomendas  
E atrás dela uma criada...

Vendo o tremendo sarilho  
De que o Juca era o mentor,  
Puxa as orelhas ao filho  
E... záz, tráz, no... sim senhor...

Entre toda a caqueirada  
E num berreiro infernal,  
Diz o Juca:—Em guarda, em guarda,  
Em guarda seu General...!

■ FIM ■



# O CASTIGO DA RATINHA LANGARITA E A COMUNIDADE

Por C. de Bidassoá — Desenhos de Castañé

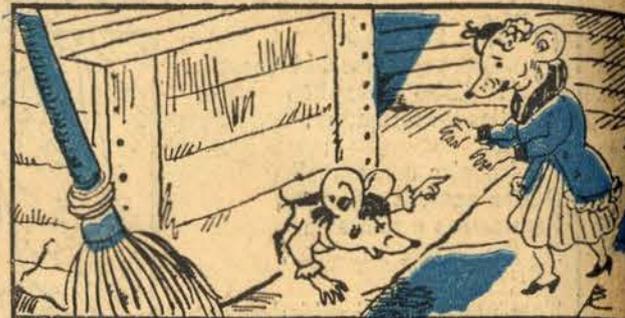
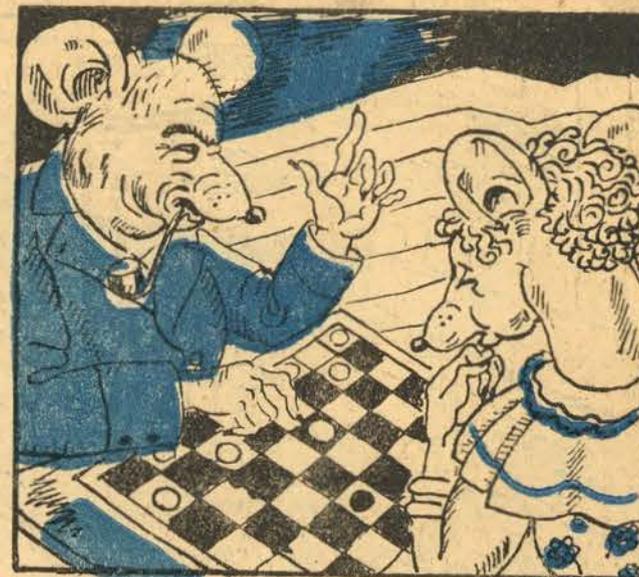
sofria tôdas as afrontas das irmãs, sem se exaltar, para só tra-  
tar do bem estar do pai.

A segunda em idade, a rata Corre-corre, e a mais nova, a  
Inchadinha, capacitadas de que era uma grande maçada tratar  
dum velho e aturar as irmãs, resolveram inscrever-se numa  
comunidade de ratas que havia num celeiro distante, e para ali  
foram viver, entregues à meditação dos grãos que o celeiro  
possuía.

A outra, a ratinha Langarita, dotada do génio mais irrequeto,  
também seguiu as duas irmãs, mas como se não quis sujeitar às  
leis da comunidade, não tardou a voltar para casa.

Mas tão pouco se entendia com a irmã que lá tinha  
ficado.

A rata «Põe-põe» bem fazia por não contrariar a irmã, e para  
deixar à vontade, passava todo o dia junto do pai a contar-lhe  
estórinhas e a jogar as damas com ele, por ser jógo em que o



pai era mestraço, mas a ratinha Langarita pegava por tudo e  
por nada; berrava, barafustava e nunca estava contente. Mexia  
o que em casa havia, debaixo para cima, e até lhe apeteceu,  
um dia, mudar a casa, que era num buracão dum velho muro  
duma adega, para outro sítio.

A sua vontade é que havia sempre de prevalecer e tinha

**D**ESDE que a velha ratazana mãe morrera, nunca mais as  
quatro ratas, que do pai ficaram a cuidar, por este estar  
quasi cego e não poder andar por ser muito trôpego das  
pernitas, se deram bem, por causa da diferença de génios.

A mais velha, a rata Põe-põe, como o nome indica, era  
a mais pacata e ponderada de tôdas. Dotada de muito bom génio,

# DIABRURAS DO CHIQUINHO



I — Francisquinho ao ver, um dia,  
toda entregue à freguesia,  
a assadeira das castanhas,  
uma velhinha gaiteira,  
decide, com suas manhas,  
roubar-lhe uma da assadeira.



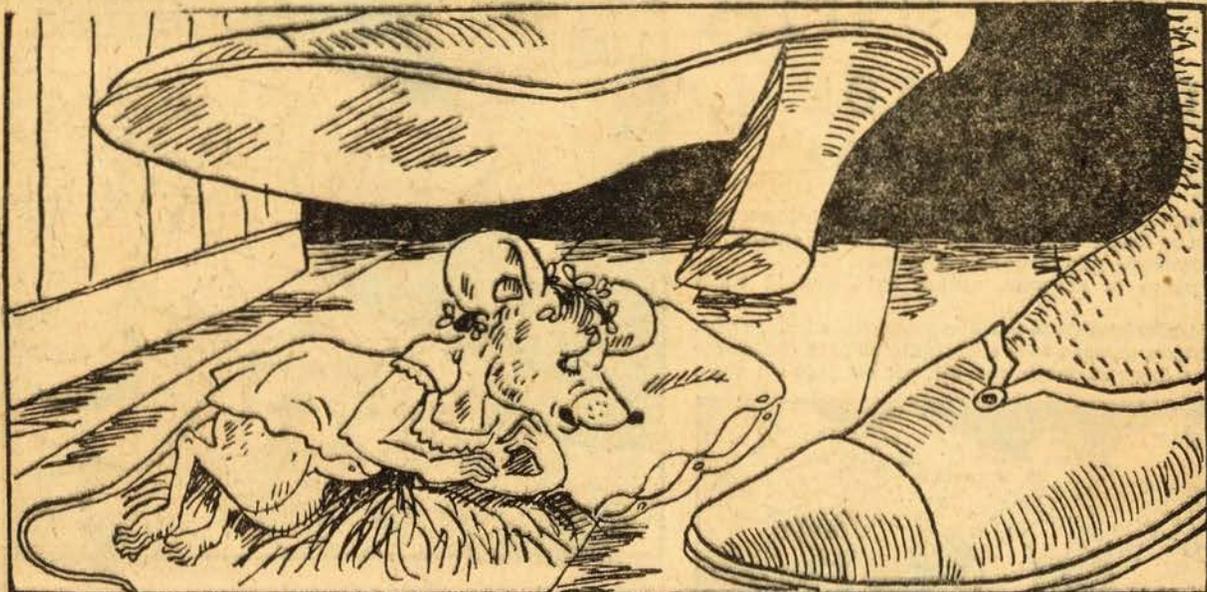
II — Por um acaso fortuito,  
conseguindo o seu intuito,  
para a ver arrelhada,  
mete à boca, à vista dela,  
a tal castanha roubada,  
inda quente, da panela.



III — Mas quando, precisamente,  
rejubilava, contente,  
da sua feia artimanha,  
o endiabrado rapaz  
sente estalar-lhe a castanha  
na boquinha: — *catrapás!*...



IV — E enquanto o Chiquinho chora,  
com a bôca a arder, agora,  
ri a velha, à gargalhada,  
nas bochechas do atrevido.  
*Toda a acção má, praticada,  
tem o castigo devido.*



mesmo por gosto contradizer a irmã e desfazer tudo o que ela fazia, embora a irmã fôsse mais velha. Do pai não se importava, passava dias e dias que nem junto dele ia, fazendo de conta que quem ali estava era um qualquer objecto inútil.

Quando o pai morreu foi uma verdadeira guerra por causa das partilhas. As duas irmãs que estavam ausentes vieram buscar o seu quinhão, e tantas fizeram e mais a ratinha Langarita que só lhes faltou desenterrar o pobre pai que repousava no último sono. A tudo isto a rata «Põe-põe» que não fazia outra coisa senão chorar o morto, assistia horrorizada.

Por fim fizeram-se as partilhas, mas só com a intervenção da justiça, regressando a rata «Corre-corre» e a «Inchadinha», à comunidade. A ratinha Langarita, construiu uma casinha nova por baixo dum caixote velho que havia na dispensa da casa e para ali foi habitar. A rata «Põe-põe» bem lhe dizia que isso era uma temeridade, que podiam, quando ela menos o pensasse, ir levantar o caixote e apanhá-la desprevenida, que se deixasse estar onde estavam também as duas, que nada lhes faltava, que tinham que comer e que beber, que a herança do pai lhes chegava para viverem, embora sem luxo, mas livres de vergonhas do mundo; mas a ratinha «Langarita» a nada atendeu e lá foi habitar a sua nova casa, dizendo que ali estava mais à vontade para passear e que, quando quizesse um qualquer petisco, escusava de estar a prepara-lo, que ali tinha tudo à mão.

A rata «Põe-põe» custou-lhe bastante aquela separação, tanto mais que agora tinha de viver sózinha, mas como «contra factos não há argumentos», teve de se sujeitar.

O ano seguinte foi de grande seca, e por isso, a colheita foi de pouco rendimento, de maneira que o dono do celeiro onde está instalada a comunidade a que pertencia a rata «Corre-corre» e a «Inchadinha», teve poucos cereais.

Meses depois de concluídas as colheitas, foi um criado, ao celeiro, buscar milho para o moinho, e como a colheita havia sido diminuta, deu logo pela falta de cereais. Foi chamar o patrão para lhe fazer ver que alguém tinha ido ao celeiro, porque ele estava muito desfalcado. Acenderam uma luz para melhor avaliarem o que faltava e com espanto crescente encontraram muitas cascas de cereais e excrementos das ratas que denunciavam a comunidade que ali existia.

Deu-se então ali uma verdadeira revolução e como «Deus castiga e não dá pão», dentro de 8 dias foi a comunidade exterminada e as nossas duas conhecidas ratinhas foram das primeiras a conhecer a morte.

A ratinha «Langarita» pagou também todo o atrevimento e todas as faltas de respeito ao pai e, à rata «Põe-põe». Um dia a criada ia a pegar no caixote, sob o qual a nossa ratinha tinha construído a casa, para vir deitá-la ao lixo. A ratinha que estava muito descansada a dormir, com uma perninha muito estendida, muito regalada, nem tempo teve de esfregar os olhos ainda mal abertos do sono, porque a criada, muito lesta, lhe deitou um pé em cima da cabeça, fazendo-a ir desta para melhor.

E aqui está o pago que a ratinha «Langarita» teve de não olhar para o que a irmã mais velha lhe dizia,

■ ■ ■ F I M ■ ■ ■

## COLABORAÇÃO INFANTIL

Desenhos copiados  
e originais

A esquerda e ao centro:

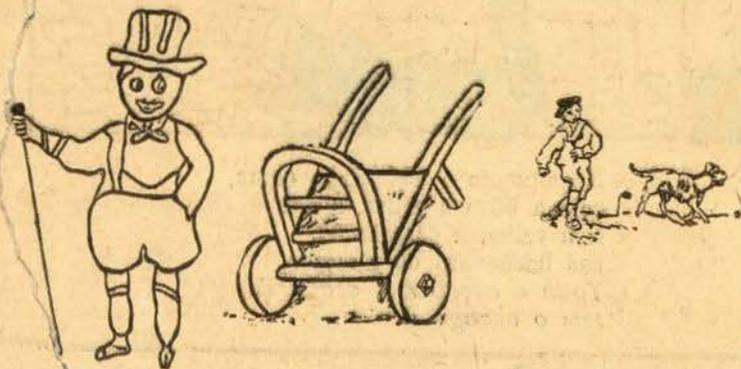
Trabalhos do menino

José Cândido Correia Guimarães  
(12 anos de idade)

A direita:

Trabalho copiado pela menina

Maria Deolinda Correia Mendes  
(13 anos de idade)



Qual a coisa, qual é ela?... PARA OS MENINOS COLORIREM

I

Um grande préstimo tenho em caixinha registada; E, mesmo, sem ser de estanho, sou, muita vez, estanhada.

II

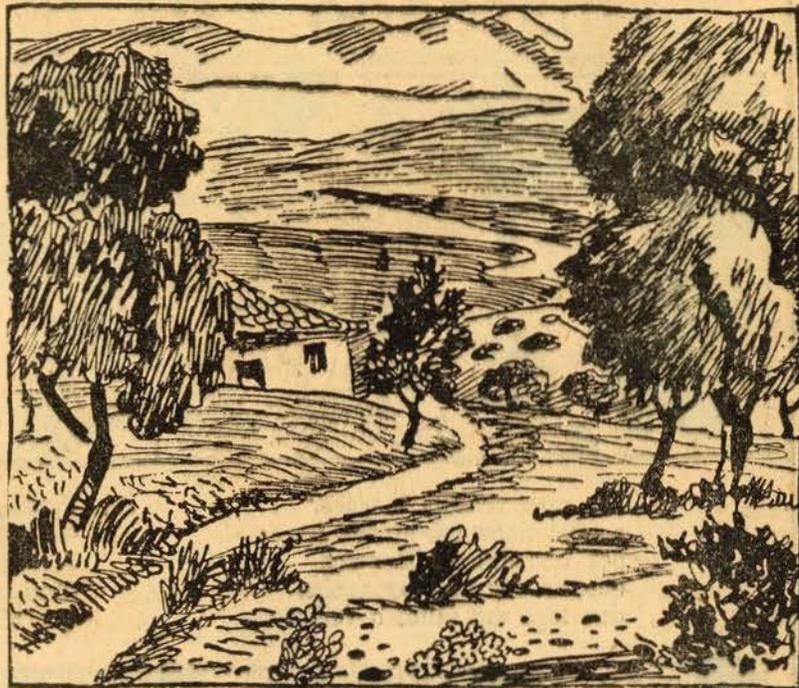
Sou actriz italiana, sou rama de pinheiral, estou na caixa da costura, entre as linhas e o dedal.

III

Mudando a segunda letra em U em O, A ou E, sou um preceito da Igreja, sou adjectivo elegante, sou brinquedo de bebê ou cartucho e fulminante.

Decifração das anteriores

- I — Marqueza.
- II — Condessa.
- III — Lata, Loto, Pata.



ADIVINHA



Vejam se encontram a filha d'êste sujeito.

CHARADAS EM FRASE

Este homem aguarela bonecos e julga-se pintor. — 2-2.

Aquí êste homem parece um animal. — 1-2.

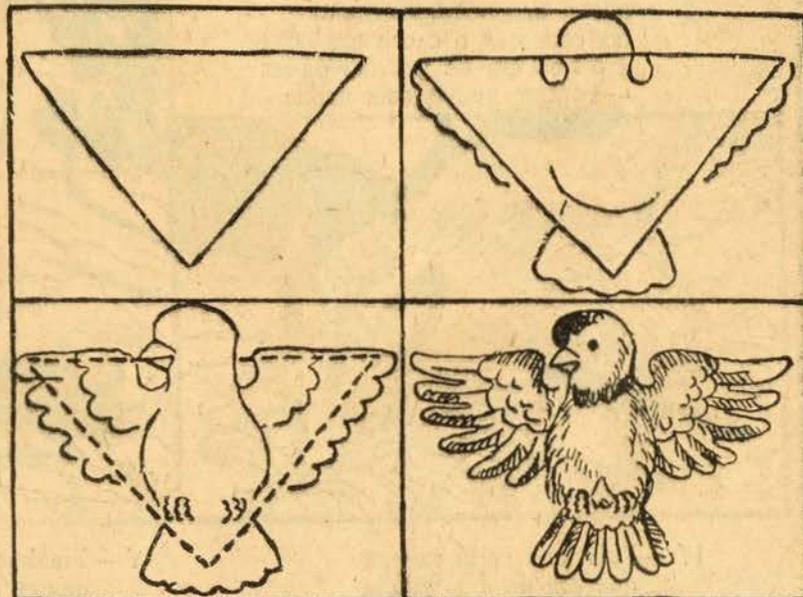
O ponto cardinal agitando o vestuário parece transformá-lo em sal. — 1-2.

Esta planta lembra uma parte do corpo e dá-nos repouso. — 1-2.

O homem amanha a terra e cultiva a planta ao pé dum quadrúpede. — 2-1.

A cspingarda molhou-se na corrente e foi atingir o móvel. — 2-2.

LIÇÃO DE DESENHO



Como se desenha um passarinho

# Guardado está o bocado...



I — Era uma vez um macaco,  
o qual tinha um grande fraco  
por bananas, de maneira  
que, ao ver uma bananeira,  
deu logo um salto, o velhaco.



II — Porém, como já lá estava  
— (coisa com que não contava) —  
um enorme chimpanzé  
trava-se um grande banzé  
que termina em luta brava.



III — Mas foi tanta a bordoada  
que a bananeira, abanada,  
fez com que o cacho tombasse;  
e o que era de prever, dá-se:  
— ficaram ambos sem nada;



IV — Pois uma certa raposa  
que era de véras gulosa  
então, passando por baixo,  
abocanha logo o cacho,  
em fuga vertiginosa.

V — Finalmente, é bem de ver,  
deu-se o que era de prever,  
conforme diz o ditado:  
— guardado está o bocado  
p'ra quem o há-de comer!